ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE TEOLOGIA

WAGNER FARIA SOUZA

A FÉ CRISTÃ NA MODERNIDADE PERANTE A DITADURA DO RELATIVISMO EM JOSEPH RATZINGER

Porto Alegre
2018

GRADUAÇÃO

Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE TEOLOGIA

WAGNER FARIA SOUZA

A FÉ CRISTÃ NA MODERNIDADE PERANTE A DITADURA DO RELATIVISMO EM JOSEPH RATZINGER

Porto Alegre
2018

WAGNER FARIA SOUZA

A FÉ CRISTÃ NA MODERNIDADE PERANTE A DITADURA DO RELATIVISMO EM JOSEPH RATZINGER

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, curso de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann.

Porto Alegre
2018

WAGNER FARIA SOUZA

A FÉ CRISTÃ NA MODERNIDADE PERANTE A DITADURA DO RELATIVISMO EM JOSEPH RATZINGER

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, curso de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Aprovado em _____ de _____ de _____.

COMISSÃO EXAMINADORA:

_____

Prof. Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann – PUCRS

(Orientador)

_____

Prof. Dr. Carlos Steffen – PUCRS

Porto Alegre
2018

"'Adulta' não é uma fé que segue as ondas da moda e a última novidade; adulta e madura é uma fé profundamente radicada na amizade com Cristo. É esta amizade que nos abre a tudo o que é bom e nos dá o critério para discernir entre verdadeiro e falso, entre engano e verdade. [...] Em Cristo, coincidem verdade e caridade. Na medida em que nos aproximamos de Cristo, também na nossa vida, verdade e caridade fundem-se. A caridade sem verdade seria cega; a verdade sem caridade seria como 'um címbalo que retine' (1 Cor 13, 1)". (Santa Missa Pro Eligendo Romano Pontifice. Homilia do Cardeal Joseph Ratzinger, Decano do Colégio Cardinalício).

RESUMO

A fé cristã na modernidade perante a ditadura do relativismo em Joseph Ratzinger, busca fazer uma síntese do pensamento do teólogo alemão Joseph Ratzinger, abordando sua genealogia e pensamento acerca da modernidade e sistematiza seu pensamento sobre a fé cristã. O pano de fundo do pensamento de Ratzinger é a questão da relativização da verdade, que gera uma crise da fé no contexto moderno. A compreensão da modernidade acerca da realidade limita o alcance da razão aquilo que é factível, ou seja, aquilo que está ao alcance dos sentidos. Além de que há o predomínio de uma corrente filosófica chamado relativismo. Ratzinger nos mostra em seu pensamento que a fé cristã está além daquilo que o racionalismo moderno é capaz de reconhecer, pois vai ao encontro pessoal com Cristo, do *logos*, da verdade. Portanto é um ato de confiança racional, por isso a fé nos impele a uma abertura para o *logos*. A fé cristã não é uma entrega ao irracional, como a modernidade a quis caracterizar, mas está no âmbito da verdade. A essência da fé cristã consiste em aceitar e viver a existência humana na relação entre o eu e o Tu divino, cuja fórmula central manifestada no símbolo é "Creio em ti" e não "Creio em algo".

Palavras-chave: Fé. Cristã. Modernidade. Relativismo.

ABSTRACT

The Christian faith in modernity before the dictatorship of relativism in Joseph Ratzinger, seeks to summarize the thought of the German theologian Joseph Ratzinger, addressing his genealogy and thought about modernity and systematizes his thinking on the Christian faith. The background of Ratzinger's thinking is the question of the relativization of truth, which generates a crisis of faith in the modern context. Understanding modernity about reality limits the scope of reason to what is doable, that is, that which is within the reach of the senses. Besides that there is the predominance of a philosophical current called relativism. Ratzinger shows us in his thinking that the Christian faith is beyond what modern rationalism is able to recognize because it goes to personal encounter with Christ, the logos, the truth. Therefore it is an act of rational trust, so faith impels us to an openness to the logos. Christian faith is not a surrender to the irrational, as modernity intended to characterize it, but it is in the realm of truth. The essence of the Christian faith is to accept and live human existence in the relationship between the divine self and the divine Self, whose central formula manifested in the symbol is "I believe in you" and not "I believe in something.

Keywords: Faith. Christian. Modernity. Relativism.

SUMÁRIO

Introdução……10

1 Modernidade e relativismo: novos paradigmas no mundo atual……14
1.1 Modernidade: implicações científicas e filosóficas……14
1.2 A ditadura do relativismo: a crise da verdade na modernidade……..21

2 A fé cristã na teologia de Joseph Ratzinger……26
2.1 A fé é racional……26
2.2 A fé como aquilo que dá sentido à existencia humana……27
2.3 A fé cristã como escuta e diálogo a partir da revelação……..30
2.4 A fé cristã numa perspectiva de futuro……32
2.5 A Igreja como lugar da comunidade de fé……..……...35

Conclusão……39

Bibliografia……41

INTRODUÇÃO

A modernidade trouxe sérias implicações éticas que, no início, se apresentaram como soluções plausíveis diante das situações de injustiça, oriundas de uma cultura do relativismo. Trata-se de uma compreensão limitada ao que está ao alcance dos sentidos, ou seja, a única realidade existente é a factível. O núcleo central da fé cristã consiste na afirmação da existência de Deus, mesmo que Seu mistério não possa ser expresso devidamente pela nossa limitada razão humana. Diante do contexto da modernidade, principalmente no campo das ciências e da filosofia, Deus se reduz a uma hipótese. Muitas vezes, atualmente, falar da fé cristã para as pessoas vem acompanhado do sentimento de estranheza, onde o sujeito se vê tomado por uma sensação de dúvida. Para descrever essa realidade, nos aprofundaremos no pensamento de um dos maiores teólogos do século XX: Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI.

Joseph Ratzinger[1] nasceu em Marktl am Inn, diocese de Passau, Alemanha, no dia 16 de abril de 1927, num Sábado Santo, e foi batizado no mesmo dia. O seu pai era comissário da polícia e provinha duma antiga família de agricultores da Baixa Baviera, de modestas condições econômicas. A sua mãe era filha de artesãos de Rimsting, no lago de Chiem, e antes de casar trabalhara como cozinheira em vários hotéis. Passou a sua infância e adolescência em Traunstein, uma pequena localidade perto da fronteira com a Áustria, a trinta quilómetros de Salisburgo. Foi neste ambiente que recebeu a sua formação cristã, humana e cultural. O período da sua juventude não foi fácil. A fé e a educação da sua família prepararam-no para enfrentar a dura experiência daqueles tempos, em que o regime nazista mantinha um clima de grande hostilidade contra a Igreja Católica. Precisamente nesta complexa situação, descobriu a beleza e a verdade da fé em Cristo. Fundamental para ele foi a conduta da sua família, que sempre deu um claro testemunho de bondade e esperança, radicada numa conscienciosa pertença à Igreja.

Até o mês de setembro de 1944, embora estivesse ingressado no Seminário de Traunstein, esteve arrolado nos serviços auxiliares anti-aéreos, nos últimos meses da Segunda Guerra Mundial. Foi prisioneiro de guerra em um campo americano para prisioneiros de

[1] Os traços biográficos apresentados aqui de Joseph Ratzinger Cf. SARTO, P. B. *Joseph Ratzinger. Uma biografia*. São Paulo: Quadrante, 2005.

guerra em Ulm, libertado em 19 de junho de 1945. Após a guerra, ingressou no seminário de Frisinga. Recebeu a Ordenação Sacerdotal em 29 de junho de 1951, juntamente com seu irmão Georg Ratzinger.

Um ano depois, começou a sua atividade de professor na Escola Superior de Freising. No ano de 1953, doutorou-se em teologia com a tese *Povo e Casa de Deus na doutrina da Igreja de Santo Agostinho*. Passados quatro anos, sob a direção do conhecido professor de teologia fundamental Gottlieb Söhngen, conseguiu a habilitação para a docência com uma dissertação sobre *A teologia da história em São Boaventura*. Depois de desempenhar o cargo de professor de teologia dogmática e fundamental na Escola Superior de Filosofia e Teologia de Freising, continuou a docência em Bonn, de 1959 a 1963; em Münster, de 1963 a 1966; e em Tubinga, de 1966 a 1969. A partir deste ano de 1969, passou a ser catedrático de dogmática e história do dogma na Universidade de Ratisbona, onde ocupou também o cargo de Vice-Reitor da Universidade.

De 1962 a 1965, prestou um notável contributo ao Concílio Vaticano II como perito; viera como consultor teológico do Cardeal Joseph Frings, Arcebispo de Colónia. A sua intensa atividade científica levou-o a desempenhar importantes cargos ao serviço da Conferência Episcopal Alemã e na Comissão Teológica Internacional. Em 25 de Março de 1977, o Papa Paulo VI nomeou-o Arcebispo de München e Freising. A 28 de Maio seguinte, recebeu a sagração episcopal. Foi o primeiro sacerdote diocesano, depois de oitenta anos, que assumiu o governo pastoral da grande arquidiocese bávara. Escolheu como lema episcopal *Cooperatores Veritatis*. Foi criado Cardeal por Paulo VI no Consistório de 27 de junho desse mesmo ano. Em 1978, participou no Conclave, celebrado de 25 a 26 de agosto, que elegeu João Paulo I. No mês de outubro desse mesmo ano, participou também no Conclave que elegeu João Paulo II.

João Paulo II nomeou-o Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e Presidente da Pontifícia Comissão Bíblica e da Comissão Teológica Internacional, em 25 de novembro de 1981. No dia 15 de fevereiro de 1982, renunciou ao governo pastoral da arquidiocese de München e Freising. Foi Presidente da Comissão encarregada da preparação do Catecismo da Igreja Católica, a qual, após seis anos de trabalho (1986-1992), apresentou ao Santo Padre o novo Catecismo. Na Cúria Romana, foi Membro do Conselho da Secretaria de Estado para as Relações com os Estados; das Congregações para as Igrejas Orientais, para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, para os Bispos, para a Evangelização dos Povos, para a Educação Católica, para o Clero, e para as Causas dos Santos; dos Conselhos Pontifícios para

a Promoção da Unidade dos Cristãos, e para a Cultura; do Tribunal Supremo da Assinatura Apostólica; e das Comissões Pontifícias para a América Latina, *Ecclesia Dei*, para a Interpretação Autêntica do Código de Direito Canônico, e para a revisão do Código de Direito Canônico Oriental. No dia 19 de abril de 2005, foi anunciado a eleição de Joseph Ratzinger como Papa.

Entre as suas numerosas publicações, ocupam lugar de destaque o livro *Introdução ao Cristianismo*, uma compilação de lições universitárias publicadas em 1968 sobre a profissão de fé apostólica, e o livro *Dogma e Anúncio*, publicado em 1973, uma antologia de ensaios, homilias e meditações, dedicadas à pastoral. No decurso dos anos, continuou abundante a série das suas publicações, constituindo um ponto de referência para muitas pessoas, especialmente para os que queriam entrar em profundidade no estudo da teologia. Merecem destaque: *Teologia e Históri*a, *O Novo Povo de Deus*, *Fé e futuro*, *Deus existe?*, *A Igreja e a Nova Europa*, entre muitos artigos publicados de modo especial pela Revista *Communio*, conferências e reflexões teológicas. Por ocasião do seu septuagésimo aniversário, publicou o livro *Na escola da verdade*, onde aparecem ilustrados vários aspectos da sua personalidade e da sua obra por diversos autores. Já como Papa, publicou importantes obras: sua trilogia *Jesus de Nazaré* e uma coletânea de artigos e conferências, intitulada *Fé, verdade e tolerância*. Além de diversas outras obras, homilias, ensaios, artigos e conferências.

Podemos resumir a atividade teológica de Joseph Ratzinger de acordo com os seus principais temas em cada momento de sua biografia: como estudante tem como fontes de sua teologia a Escritura, a Liturgia e a Igreja; no seu doutorado e livre-docência escolhe como fontes históricas Santo Agostinho e São Boaventura, eclesiologia e história, respectivamente; no decorrer do Concílio se envolve profundamente com abordagens sobre revelação e Tradição, eclesiologia e ecumenismo; como professor, temos seu direcionamento teológico para a dogmática, principalmente Teologia Fundamental e História dos Dogmas; na Congregação para a Doutrina da Fé temos o seu interesse para a catequese, cristologia e diálogo inter-religioso, refletindo ao mesmo tempo sobre as raízes cristãs da Europa; como Papa, demonstra forte preocupação com a verdade, liturgia, a questão da fé e ampliação do conceito de razão[2].

Diante do contexto da modernidade, tão abordado por Ratzinger, poderíamos nos questionar: que lugar o homem reserva para Deus diante todo o progresso visto na modernidade? Com essa imagem podemos perceber que a questão de Deus na modernidade

[2] Cf. SARTO, Pablo Blanco. *Bento XVI. Um mapa de suas ideias*. São Paulo: Molokai, 2007.

está além do problema do anúncio, ou seja, não se trata de uma crise da "roupagem" que a teologia se apresenta. Não basta assumir a linguagem do mundo, mas é necessário confrontar-se com ele. A fé e a verdade devem encarar a realidade. Devemos discutir o dilema da fé no mundo de hoje. Se a fé cristã busca a verdade através do encontro com Cristo, diante desta "crise de fé" da modernidade e do predomínio da ditadura do relativismo, como dar novamente força ao anúncio da mensagem cristã confrontando-a com essa realidade?

O objetivo principal desta pesquisa monográfica é compreender como se dá o anúncio da fé cristã na modernidade diante da ditadura do relativismo no pensamento de Ratzinger. Unido a isto iremos analisar o período histórico da modernidade e a ditadura do relativismo como elemento condicional para a "crise da fé" e sistematizar o pensamento de Ratzinger sobre a fé cristã.

No primeiro capítulo iremos percorrer o caminho histórico da modernidade que é uma das questões de fundo do pensamento teológico de Joseph Ratzinger, onde o alcance do pensamento racional se limita ao que é factível, onde prevalece a corrente filosófica do relativismo, que coloca a fé num âmbito subjetivo, privando-a de interagir com a realidade. No segundo capítulo destacaremos os principais traços que caracterizaram o percurso intelectual teológico de Joseph Ratzinger, que encontrou nas fontes da fé cristã os fundamentos para o pensar teológico. Neste sentido abordaremos sobre a fé cristã buscando demonstrar não se trata de um sistema de ideias sem fundamento ou irracional, mas trata-se de ir ao encontro do *logos*, da verdade.

Percorrendo esta metodologia, deixemo-nos mover pelas inquietações intelectuais do pensamento teológico de Joseph Ratzinger que nos possibilita conceber uma nova abordagem do sentido do humano através da fé. É fundamental compreender a fé cristã no atual contexto histórico, afinal é na história que o ser humano experimentará o amor salvífico do Verbo encarnado. O pensamento do teólogo alemão Joseph Ratzinger se fundamenta na opção primeira do cristianismo de reconhecer no evento Cristo a encarnação do *logos*. A fé cristã consiste numa adesão racional à verdade que é o próprio Cristo, plenitude da revelação. Por isso é necessário revisar os conceitos de fé e razão, bem como levantar a pergunta acerca da verdade, presentes nas mais diversas culturas, bem como repensar seu significado para o homem moderno.

1 MODERNIDADE E RELATIVISMO: NOVOS PARADIGMAS NO MUNDO ATUAL

Neste capítulo iremos percorrer o caminho histórico da modernidade que é uma das questões de fundo do pensamento teológico de Joseph Ratzinger, onde o alcance do pensamento racional se limita ao que é factível, onde prevalece a corrente filosófica do relativismo, que coloca a fé num âmbito subjetivo, privando-a de interagir com a realidade. Nosso objetivo aqui é ter um panorama geral da questão do ser humano diante de Deus, bem como a questão da crise da fé constatada na modernidade, diante das várias correntes de pensamentos que se instauraram e que não dão lugar à fé. Perceberemos que há um limite da compreensão moderna da realidade com relação ao lugar da fé e, com isso, temos um problema que diz respeito a verdade.

1.1 MODERNIDADE: IMPLICAÇÕES CIENTÍFICAS E FILOSÓFICAS

Muitos autores buscam caracterizar esse período denominado modernidade, bem como seu início ou término. Hoje inclusive alguns falam em "pós – modernidade". Segundo Tracey Rowland, acerca deste período de fundo em que se estrutura o pensamento de Ratzinger:

> Existem várias escolas de interpretação, mas a maioria pode ser classificada em um de três grupos acadêmicos: (i) a modernidade representa o rompimento da síntese teísta clássica: aquilo que temos, atualmente, são conceitos à deriva que perderam seu sentido após serem separados do conjunto; (ii) a modernidade representa uma mutação da síntese teísta clássica, porque são atribuídos novos sentidos a seus conceitos chave, assim que são separados das suas raízes cristãs; e (iii) a modernidade é uma cultura inteiramente nova, baseada em conceitos e valores que foram desenvolvidos especificadamente para ocupar o lugar dos extintos conceitos gregos e cristãos.[3]

[3] ROWLAND, T. *A Fé de Ratzinger*, p. 150.

Segundo Rowland, Ratzinger não se encaixa em nenhuma das três categorias acima. É importante destacar ainda que: "Ratzinger não escreveu nenhuma exposição de grande alcance e abrangente sobre sua própria genealogia (a modernidade), mas apenas apresentou peças do quebra-cabeça, em diversos livros e artigos"[4]. Para situarmo-nos um pouco neste contexto histórico dentro do pensamento de Joseph Ratzinger, em sua obra *Dogma e Anúncio*[5], o autor nos fala de uma "ausência de Deus" na modernidade:

> As raízes da ausência de Deus, que nos aflige hoje, remontam àquela transformação da imagem do mundo que começa com o início da Idade Moderna, mas ainda está longe de ter sido assimilado pela teologia e o pensamento dos fiéis. Até então, Deus tinha o seu lugar firme na estrutura escalonada do mundo, no empírico; o elemento metafísico era como que tangível na hierarquia das esferas que levava do modo mais inferior e fechado, a terra, para esferas sempre mais espirituais e elevadas e finalmente à luz pura, àquele que move o universo [...]. Com a inovação da Idade Moderna desaparecem essas determinações locais aceitas com confiança, que até então tinham estruturado o universo. [...] A transformação que as descobertas da época moderna trouxeram em face ao pensamento da Idade Média não poderia ser apresentada mais claramente do que a história mesma o fez aqui. O mundo perde suas bordas metafísicas; onde quer que se possa ir ele aparece apenas como mundo.[6]

Neste trecho, o autor busca contextualizar-nos acerca do âmbito das transformações que a modernidade trouxe ao mundo, caracterizando uma mudança radical no modo de compreender a realidade. Contudo, Rudy Albino de Assunção, nos lembra que: "Há para Ratzinger – Bento XVI uma modernidade boa, sadia e outra equivocada. Há valores modernos que nasceram do cristianismo e, por isso, o parentesco entre cristianismo e modernidade: a Igreja não poderia recusar aquilo que modernidade herdou dela mesma"[7]. Portanto, Ratzinger não está tornando ilegítima a modernidade, pura e simplesmente.

Segundo Ratzinger, dentro deste parâmetro equivocado da modernidade: "A situação do homem em face do problema de Deus hoje é precisamente o questionamento, a problematicidade, se é que Deus não é contado entre as questões já superadas que a consciência humana deixou atrás de si"[8]. Percebemos aqui que o homem é colocado pela

---

[4] Ibid., p. 151.
[5] A presente obra de Joseph Ratzinger, publicada no ano de 1973, reúne ensaios, meditações e homilias dedicados à pastoral, ciente de que a teologia deve sinalizar para a vida de cada dia, buscando encontrar maneiras de orientar a reflexão científica sobre os dogmas da fé para a missão querigmática da comunidade eclesial.
[6] RATZINGER, J. *Dogma e Anúncio*, p. 80-81.
[7] DE ASSUNÇÃO, R. A. *Bento XVI, A Igreja Católica e o Espírito da Modernidade*, p. 142.
[8] RATZINGER, J. *Dogma e Anúncio*, p. 79.

modernidade diante de Deus como um problema, marcado pelo questionamento, colocando Deus como uma questão já superada. Com o avanço das ciências modernas, as questões fundamentais de fé são tidas como infundadas e Deus acaba por se tornar apenas mais uma hipótese diante das grandes questões científicas emergentes.

Além disso, o sucesso das grandes descobertas no mundo material e suas leis implicam numa aplicação rigorosa deste método baseado na experimentação e formação matemática de tudo. "Como Deus não pode ser observado no sentido da experiência receptível, não pode aparecer dentro deste método – a sua ausência deste método torna-o impossível"[9]. A ciência moderna determina o lugar do homem dentro do mundo real, limitando-a a realidade em si, ou seja, àquilo que é factível e deve ser submetido a razão. Na *Introdução ao Cristianismo*[10], Ratzinger afirma:

> Desistimos de procurar o lado em si das coisas, aquilo que não aparece; já não sondamos a essência do próprio ser; não vemos sentido nessa tentativa, porque a profundeza do ser nos parece inatingível. Já nos acostumamos com essa perspectiva que só toma em consideração o visível, no sentido mais amplo do termo, e aquilo que temos condição de medir.[11]

É nesta perspectiva que Ratzinger interpreta as consequências desastrosas para a fé cristã. Em sua obra *Fé e Futuro*[12], afirma:

> Como a ciência natural, também a filosofia hoje já não pergunta pela verdade, mas apenas pela retidão dos métodos aplicados e experimenta o pensamento lógico, sobretudo a análise linguística, independentemente da questão se aos pontos de partida do pensamento corresponde também alguma realidade.[13]

---

[9] Ibid., p. 81.

[10] Entre as publicações do Cardeal Ratzinger, o livro *Introdução ao Cristianismo*, publicado em 1968, teve um eco particular. A obra busca, em meio a uma riqueza teológica exuberante, elaborar sínteses que fossem bússola para o leitor cristão navegar com tranquilidade por mares nunca dantes frequentados. Na obra se apresenta o que há de novo na teologia que alimentara o Concílio Vaticano II, como um corajoso confronto com o pensamento moderno, não temendo abordar a questão do ateísmo moderno.

[11] RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*, p. 44-45.

[12] Nesta obra, diante do processo cada vez mais rápido da evolução histórica que coloca ao homem possibilidades extremas e perigos extremos, Joseph Ratzinger busca responder a pergunta: em que medida a fé pode tomar parte na construção do mundo futuro? Que papel desempenharão a fé e a Igreja no futuro? Ratzinger aborda o problema sob diferentes perspectivas neste livro destinado a despertar as consciências.

[13] RATZINGER, J. *Fé e Futuro*, p. 18.

Podemos perceber que, dentro deste sistema de pensamento que é assumido na modernidade, temos um processo de relativização da verdade. Trata-se, no pensamento de Ratzinger, de umas das grandes características do espírito científico moderno: a renúncia à busca pela verdade, permanecendo fechado ao mundo do verificável e a retidão dos métodos experimentais. A filosofia positivista, que não aceita nada senão aquilo que é acessível pelos sentidos, também trouxe sérias consequências tanto para a filosofia quanto para a teologia:

> As áreas reservadas à teologia, e a filosofia que se interroga pelo campo metafísico, estão diminuindo sempre mais; até processos psíquicos e sociais se abem em medida crescente à explicação positivista. Assim, as afirmações teológicas aparecem quase necessariamente como pré-científicas, possíveis por ora só devido às imperfeições da investigação positivista, devendo um dia ser superada por ela.[14]

Podemos perceber que a modernidade coloca a fé em questão, pois afinal, trata-se de uma exigência da modernidade diante desta nova ordem de pensamento, onde o invisível e o mistério não encontram espaço diante desta restrição ao método e ao que é verificável pela razão humana. "[...] os limites fixamente esboçados das essências desaparecem, acentua-se a mobilidade do real, a doutrina da evolução, torna-se por assim dizer intrinsecamente crível e realizável para o homem"[15]. Podemos perceber que, na modernidade, o homem se coloca como o centro do universo, ou seja, trata-se de uma concepção de mundo onde o próprio homem é aquele que o constrói: "O que é esperado, ao contrário da Igreja primitiva, não é o reino de Deus, mas o reino do homem, não é a volta do Filho do homem, mas o surgimento definitivo de uma ordem racional, livre e fraterna, composta de homens que se encontram a si mesmos"[16]. Desta forma, a esperança adquire outro sentido, diferente da esperança cristã (escatologia): trata-se de uma esperança meramente humana, onde o homem se coloca a capacidade de conquistar a própria salvação, onde o céu se torna o mundo.

No campo da filosofia, além do positivismo já mencionado aqui, a modernidade trouxe um processo de racionalização que abandonou o campo da fé, já que esta não encontra mais sentido e lugar como na Idade Média. Esse movimento filosófico moderno foi iniciado pelo

[14] RATZINGER J. *Dogma e Anúncio*, p. 82.
[15] RATZINGER, J. *Fé e Futuro*, p. 60.
[16] Ibid., p. 60.

filósofo René Descartes[17], e teve como expoentes Immanuel Kant[18] e Karl Marx[19]. Enquanto durante muito tempo, filósofos e teólogos procuravam responder às grandes questões sobre a origem e o fim último do homem, além da ética e da política, na modernidade, a razão de matriz iluminista ficou limitada ao desenvolvimento científico e tecnológico, numa atitude de recusar a ir além daquilo que o método empírico pudesse comprovar acerca da verdade[20].

Antes da modernidade, onde se tinha uma boa base metafísica, a filosofia era como a transição entre as ciências exatas e o campo da fé, assegurando a ideia do Deus que fala e se revela ao ser humano. Mas com a modernidade e o fim da metafísica temos uma cisão neste pensamento. Segundo Ratzinger:

> A partir de Kant operou-se, cada vez mais, o rompimento dessa unidade de pensamento filosófico e, sobretudo, a certeza confiante de que o homem de modo convincentemente fundamentado poderia além dos domínios da física tatear sobre a essência das coisas e sobre o seu fundamento desapareceu quase completamente.[21]

Ratzinger situa a filosofia moderna após Kant, com uma tendência de fazer da filosofia uma ciência exata, ou seja, restringida ao claramente que é verificável. "Kant mesmo se tinha esforçado em dar o passo decisivo nessa direção ao considerar o esforço metafísico da filosofia como 'pré-crítico' [...]"[22]. No entanto, uma racionalidade estruturada positivamente não é capaz de conhecer a realidade em sua totalidade, já que ela escolheu os elementos a ser focalizados e abandonados. Essa forma de pensar, reduzida apenas ao que é conhecível

---

[17] René Descartes (1596 – 1650). Foi um filósofo, físico e matemático francês. Segundo Ratzinger: "Para Descartes, apenas a certeza formal da razão, purificada das incertezas do factual, pode ser vista como certeza verdadeira. Mas em Descartes já se prenuncia também a virada para os Tempos Modernos, na medida em que ele entende a certeza da razão em sua essência segundo o modelo da certeza matemática, elevando a matemática à condição de forma fundamental de todo pensamento racional". (RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*, p. 46).

[18] Immanuel Kant (1724 – 1804) foi um filósofo prussiano. "É precisamente com Kant que tal processo – o distanciamento entre filosofia e teologia, entre fé e razão – encontrará a sua radicalização, quando se chegará à convicção de que não se pode ir além do conhecimento dos fenômenos, ou seja, do campo da experiência". (DE ASSUNÇÃO, R. A. *Bento XVI, A Igreja Católica e o Espírito da Modernidade*, p. 155).

[19] Karl Marx (1818 – 1883) foi um filósofo, sociólogo, jornalista e revolucionário socialista. "O programa '*verum quia factum*', que remete o ser humano à história como morada da verdade, sozinho não podia ser suficiente. Ele só se tornou plenamente eficaz quando começou a associar-se a outro motivo que, de novo cem anos mais tarde, foi formulado por Karl Marx em sua afirmação clássica: 'Até agora, os filósofos só interpretaram o mundo; importa agora transformá-lo. Com isso, a função da filosofia sofre outra vez uma redefinição fundamental". (RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*, p. 48).

[20] Cf. RATZINGER, J. *Fé e Futuro*, p. 42-43.

[21] Ibid., p. 42.

[22] Ibid., p. 51.

empiricamente, é incapaz de dialogar com a fé, colocando-a como uma expressão de sentimentalismo, e até mesmo de irracional. Por isso, Ratzinger salienta a abertura da razão diante da realidade em sua totalidade.

Para Ratzinger, na filosofia moderna, a razão humana não é mais capaz de compreender a realidade em si e, sobretudo, a realidade sobrenatural. A alternativa iluminista de uma razão científica é mais aceita hoje, não para a afirmação de Deus ou sua revelação, mas apenas para afirmar que Ele é totalmente inacessível e incompreensível para o ser humano. Segundo Assunção: "[...] o iluminismo em sentido ratzingeriano não é apenas o movimento que põe em marcha a supremacia da razão como forma de conduzir a vida social ou de conhecer a realidade, mas, sobretudo, um movimento progressivo de redução do conceito, cada vez mais atrelado a uma aproximação científica e exclusiva do mundo"[23]. A filosofia, com a matriz iluminista, deixou de perguntar pela totalidade da realidade.

Em Ratzinger ainda encontramos uma outra característica da modernidade: o problema do historicismo. Segundo o autor:

> Isso significa que no lugar da antiga equiparação entre verdade e ser aparece uma nova que iguala a verdade à facticidade; só podemos conhecer o '*factum*', ou seja, aquilo que nós mesmos fizemos. A tarefa e a possibilidade do espírito humano não consiste em refletir sobre o ser e sim sobre o *factum*, o feito, o mundo próprio do homem, porque só a este conseguimos compreender verdadeiramente.[24]

Trata-se de uma visão do filósofo pós cartesiano Giambatista Vico[25]. Essa visão historicista declara que toda a verdade é apenas uma expressão de uma visão de mundo localizada no tempo e na história, ou seja, tudo o que é pensado não se impõe como uma verdade universal, permanente e obrigatória, mas se aplica somente a um lugar e durante um período determinado. Em outras palavras ainda, podemos afirmar que há um condicionamento histórico da verdade. Uma verdade está preso no seu tempo e no seu contexto. Segundo Assunção:

---

[23] DE ASSUNÇÃO, R. A. *Bento XVI, A Igreja Católica e o Espírito da Modernidade*, p. 163.
[24] RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*, p. 47.
[25] Giambattista Vico (1688 – 1744). Foi um filósofo italiano pós cartesiano. "[...] me parece ter sido o primeiro a formular uma ideia totalmente nova de verdade e conhecimento, tendo estabelecido, numa antecipação ousada, a fórmula típica do espírito moderno em relação à questão da verdade e da realidade. À equação escolástica *verum est ens* – o ente é a verdade – Vico contrapôs a sua fórmula: *verum quia factum*, ou seja, só podemos reconhecer como verdadeiro aquilo que foi feito por nós mesmos" (RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*, p. 45).

> [...] embora já caracterizado pelo pensamento tanto de René Descartes quanto de Immanuel Kant, é numa formulação de Giambatista Vico (1688 – 1744), que se contrapôs à equação escolástica *verum est ens* (a verdade é o ente) com a *verum quia factum*, que reconhece como verdadeiro somente o que é feito pelo homem. Nesta fórmula, Ratzinger vê "o fim da velha metafísica e o início do espírito especificamente moderno" [...]. Mas para Ratzinger há uma segunda fase, "um segundo passo do espírito moderno" que é a guinada para o pensamento técnico. O princípio de Vico não é suficiente; com Marx, a tarefa da filosofia é redefinida e entra em cena um novo paradigma: *verum quia facendum*, isto é, interessa a exequibilidade.[26]

Ou seja, percebemos que Ratzinger situa a modernidade, a partir do século XIX pelo domínio *faciendum* em substituição ao *factum*. Desta forma: "[...] a história, que antes havia sido desprezada e tratada como não-científica, aparece agora como a única ciência verdadeira, ao lado da matemática"[27]. Vico, aprofundando o pensamento cartesiano, rejeita a concepção de verdade da Idade Média, estruturando a mudança fundamental introduzida pelo espírito moderno. Para Ratzinger: "A tarefa e a possibilidade do espírito humano não consiste em refletir sobre o ser e sim sobre o *factum*, o feito, o mundo próprio do homem, porque só a este conseguimos compreender verdadeiramente"[28]. O domínio do *factum* é então substituído pelo *faciendum*, de inspiração marxista, ou seja, por aquilo que deve ser feito. "[...] a verdade com a qual o ser humano tem de lidar [...] é a verdade da transformação do mundo que consiste em dar forma ao mundo, uma verdade, portanto, relacionada com o futuro e a ação"[29].

Podemos perceber em síntese que: "[...] a genealogia da modernidade de Ratzinger assume tanto a forma de ruptura como a de mudança, nas quais a síntese teísta clássica é desfeita, de um lado mediante três sucessivos ataques contra a doutrina da criação e, de outro lado, com pelo menos três investidas consecutivas contra a relação entre a fé e a razão"[30]. Portanto, na modernidade, a fé se encontra cientificamente e filosoficamente desprovida de seu lugar por excelência, entretanto não foi superada. Para Ratzinger, a Teologia não pode ignorar essa situação.

---

[26] DE ASSUNÇÃO, R. A. *Bento XVI, A Igreja Católica e o Espírito da Modernidade*, p. 142.
[27] RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*, p. 47.
[28] Ibid., p. 47.
[29] Ibid., p. 50.
[30] ROWLAND, T. *A Fé de Ratzinger*, p. 157.

1.2 A DITADURA DO RELATIVISMO: A CRISE DA VERDADE NA MODERNIDADE

Até agora tivemos um panorama geral da questão do ser humano diante de Deus, bem como a questão da crise da fé na modernidade, diante das várias correntes de pensamentos que não dão lugar à fé. Ou seja, notamos que há um limite da compreensão moderna da realidade com relação ao lugar da fé e, com isso, temos um problema que diz respeito à verdade.

O pensamento moderno consolidou uma ideia de um utilitarismo segundo a qual não há uma verdade em si, mas tudo depende de seu contexto e utilidade. Segundo Ratzinger, em sua obra *Igreja e Nova Europa*[31]: "[...] a utilidade não é algo de malévolo; tomada, porém, como valor absoluto, torna-se força do mal, porque, quando se alheia da verdade, a si mesma se nega e se elimina"[32]. Além disso, na obra *Fé, Verdade e Tolerância*[33], encontramos: "[...] onde a utilidade é posta acima da verdade, o homem torna-se escravo da utilidade e dos que podem decidir sobre ela"[34].

Com o advento da modernidade, a questão da verdade foi colocada em dúvida. Em sua obra *Deus existe?*[35] encontramos: "[...] no início do terceiro milênio, e precisamente no âmbito de sua expansão original - Europa -, o cristianismo se encontra imerso em uma profunda crise que é consequência da crise de sua pretensão da verdade"[36]. A pretensão do cristianismo de levantar a exigência da verdade com os enunciados fundamentais da fé, são tidas hoje pela modernidade não só como uma atitude de arrogância, mas também como sinal de um pensamento pré-crítico, irracional. Optar pela verdade tornou-se sinônimo de intolerância.

Encontramos aqui o núcleo central do problema: "Esse relativismo, que é hoje o sentimento fundamental dos homens ilustrados, penetrando amplamente até mesmo a

---

[31] Nesta obra, Ratzinger faz uma reflexão acerca das profundas transformações que alteraram o rosto da Europa, onde a ideologia moderna tudo sacrificava ao progresso técnico e ao bem-estar económico. Em sua reflexão, Ratzinger apresenta uma proposta de dar de novo lugar à exigência ética no centro da vida político-social, onde os cristãos, com a sua fé e o seu empenhamento social.

[32] RATZINGER, J. *Igreja e Nova Europa*, p. 39.

[33] Nesta obra, publicada já como Papa Bento XVI, Ratzinger expõe seu pensamento sobre tudo quanto se refere ao fenômeno religioso: a origem e a diversidade das religiões, as três religiões monoteístas e suas relações intrínsecas, a existência de uma religião verdadeira e a pretensão à universalidade da religião cristã.

[34] RATZINGER, J. *Fé, verdade e tolerância*, p. 206.

[35] Esta obra é resultado de um diálogo, no ano de 2000, entre o cardeal Joseph Ratzinger com o filósofo ateu Paolo d'Arcais em torno da questão: Deus existe?

[36] RATZINGER, J., D'ARCAIS, P.F. *Deus existe?*, p. 9.

teologia, é o mais profundo problema de nosso tempo".[37] Os critérios para a verdade se tornaram a utilidade e a restrição ao que é factível. No pensamento de Joseph Ratzinger, a crise da fé cristã é a grave consequência da crise da pretensão moderna da busca pela verdade.

Com o fechamento da filosofia à metafísica, Ratzinger constata que a atitude que mais falta ao homem na modernidade é a submissão da inteligência à verdade. Renunciar a verdade ou querer deturpá-la, que é a pretensão do homem moderno, não resolve os problemas da humanidade. Segundo Ratzinger na sua obra *O Sal da Terra*[38]: "O homem perde a própria dignidade quando não é capaz de conhecer a verdade; quando tudo não passa de produto de uma decisão individual ou coletiva"[39]. Muito pelo contrário, essa pretensão moderna conduz o homem à uma ditadura do relativismo. Em sua homilia, na missa *Pro Eligendo Romano Pontifice* no ano de 2005, antes de ser eleito Papa Bento XVI, Ratzinger nos fala sobre essa ditadura do relativismo:

> Quantos ventos de doutrina conhecemos nestes últimos decénios, quantas correntes ideológicas, quantas modas do pensamento. A pequena barca do pensamento de muitos cristãos foi muitas vezes agitada por estas ondas lançada de um extremo ao outro: do marxismo ao liberalismo, até à libertinagem, ao coletivismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo e por aí adiante. Cada dia surgem novas seitas e realiza-se quanto diz São Paulo acerca do engano dos homens, da astúcia que tende a levar ao erro (cf. Ef 4, 14). Ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, muitas vezes é classificado como fundamentalismo. Enquanto o relativismo, isto é, deixar-se levar "aqui e além por qualquer vento de doutrina", aparece como a única atitude à altura dos tempos hodiernos. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades.[40]

Afirma ainda o autor: "[...] questiona-se cada vez mais se é realmente oportuno aplicar o conceito de verdade à religião; em outras palavras, se é dado aos homens conhecer a autêntica verdade sobre Deus e as questões divinas"[41]. Este pensamento da modernidade que conduz à uma mentalidade relativista se coloca cada vez mais cético frente à pretensão da Verdade no catolicismo, de tal forma que na concepção moderna: "[...] a verdade, que era

---

[37] Ibid., p. 70.
[38] Nesta obra, publicada em 1996, temos um diálogo do então Cardeal Ratzinger com Peter Seewald, onde o Cardeal responde a questões básicas sobre o futuro da Igreja.
[39] RATZINGER, J. O Sal da Terra, p. 55.
[40] RATZINGER, J. Santa Missa "*Pro Eligendo Romano Pontifice*". Homilia do Cardeal Joseph Ratzinger Decano do Colégio Cardinalício.
[41] RATZINGER, J. *Deus existe?*, p. 9.

uma força vinculadora e uma promessa segura, transforma-se em uma forma de expressão cultural do sentimento religioso [...]"[42].

A compreensão historicista, conforme vimos no tópico anterior, reflete um relativismo no sentido temporal. É nesse sentido que, o atual relativismo criticado por Ratzinger, é fruto de um relativismo histórico onde a fé cristã é impedida de julgar nosso tempo com o olhar da fé. O historicismo não aceita que a Revelação, que se deu na história, seja a medida de todas as coisas em todos os tempos:

> Em Hegel e, de uma outra maneira, em Comte, a filosofia torna-se uma questão da história em que o próprio ser é visto como um processo histórico; em Chr. Baur, a teologia também se torna histórica e o caminho a ser seguido por ela passa a ser o da pesquisa histórica rigorosa que se concentra nos acontecimentos do passado esperando chegar assim ao âmago das questões; a economia é repensada por Marx em termos históricos, e até as ciências naturais são afetadas por essa guinada geral em direção à história: em Darwin, o sistema dos seres vivos é visto como uma história da vida.[43]

Em síntese, a ideia que norteia o pensamento moderno é a de que o mundo só pode ser conhecido enquanto produto da ação humana. Segundo Rowland: "Portanto, Ratzinger rejeita todas as filosofias da história que buscam no processo histórico alguma dinâmica fora do teodrama do oferecimento da graça por parte de Deus e da resposta humana a essa oferta"[44]. O factível se torna na modernidade o que determina e dá sentido ao mundo. A ditadura do relativismo se torna uma convicção cada vez mais ampla e uma filosofia dominante, que exige a renúncia da fé cristã à verdade. Trata-se, na visão de Ratzinger, do principal problema para a fé cristã, na medida em que o que determina a verdade é o subjetivismo. O relativismo é, para a modernidade, a verdadeira garantia de liberdade, onde a verdade é substituída pela "boa intenção". Segundo Ratzinger:

> Não se apresenta apenas com a sua veste de renúncia resignada ante a imensidão da verdade, mas também como uma posição definida positivamente pelos conceitos de tolerância, conhecimento dialógico e liberdade, conceitos que ficariam limitados se se afirmassem a existência de uma verdade válida para todos.[45]

---

[42] Ibid., p. 10.
[43] RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*, p. 48.
[44] ROWLAND, T. *A Fé de Ratzinger*, p. 152.
[45] RATZINGER, J. apud. BLANCO, P. *Joseph Ratzinger: uma biografia*, p. 221.

Se estabelece também na modernidade uma confusão com a chamada "democracia", colocando o critério para a verdade como decisão da maioria. Ratzinger ainda afirma que:

> O relativismo surge hoje também como o fundamento filosófico da democracia, que se baseia no princípio de que ninguém deve pretender conhecer o caminho certo. A democracia vive aceitando todos os caminhos como fragmentos de um esforço comum por encontrar o que é melhor.[46]

Assim, no atual contexto democrático: "[...] uma sociedade livre tem de ser relativista; só com esse pressuposto poderá permanecer livre e aberta para o futuro"[47]. É importante destacar que para Ratzinger, a maioria não exprime, necessariamente, os valores morais fundamentais. Não apenas nos sistemas democráticos, mas toda a humanidade sofre sérias consequências quando se pressupõem que não pode haver nenhuma instância acima das decisões da maioria.

> Uma maioria acidental se torna o absoluto, pois o absoluto, o irrevogável, volta agora a existir. Achamo-nos expostos ao domínio do positivismo e, portanto, à absolutização do acidental, mais ainda, do manipulável. Quando a pessoa humana é excluída da verdade, então é só o acidental e o arbitrário que podem dominá-la.[48]

Podemos perceber que, para Ratzinger, o relativismo se converte em uma característica fundamental da democracia onde, além de se considerar apenas aquilo que pode ser demonstrado pelo empírico, as demais questões como a fé e moral são tratados de forma subjetiva, de tal forma que a pretensão cristã pela verdade é tida como fundamentalismo e intolerância. Trata-se de uma equivocada ideia de "progresso" que se cria na modernidade e que ganha forte adesão. Segundo Ratzinger, quando o relativismo:

> Transforma-se num absoluto, converte-se numa contradição, destrói o agir humano e acaba mutilando a razão. Passa-se a considerar aceitável somente o que pode ser

[46] RATZINGER, J. *Fé, verdade e tolerância*, p. 111.
[47] Ibid., p. 111.
[48] Ibid., p. 173.

> calculado ou demonstrado no âmbito das ciências, que se convertem assim na única expressão de racionalidade: o resto seria subjetivo[49].

Ratzinger reconhece que o relativismo já é aplicado conscientemente na Teologia, principalmente do campo da cristologia e da eclesiologia: "[...] a dissolução relativista da cristologia e, com maior razão, da eclesiologia, torna-se agora o mandamento principal da religião"[50]. Segundo Assunção:

> [...] a modernidade não implica somente a depreciação da racionalidade inerente ao discurso religioso, particularmente o cristão, mas, sobretudo, uma perda, uma redução do próprio discurso filosófico. A modernidade é caracterizada por este processo concomitante de relegação, de desterro da teologia para a esfera subjetiva e de redução da filosofia ao verificável por meio de experimentação.[51]

Diante deste cenário, para Ratzinger: "[...] é urgente superar esse racionalismo unilateral, que amputa e reduz a razão, e chegar a uma concepção mais ampla dessa mesma razão, que foi criada não apenas para poder 'fazer', mas para poder 'conhecer' as realidades essenciais da vida humana"[52].

---

[49] RATZINGER, J. apud BLANCO, P. *Joseph Ratzinger: uma biografia*, p. 222.
[50] RATZINGER, J. *Fé, verdade e tolerância*, p. 114.
[51] DE ASSUNÇÃO, R. A. *Bento XVI, A Igreja Católica e o Espírito da Modernidade*, p. 157.
[52] RATZINGER, J. apud BLANCO, P. *Joseph Ratzinger: uma biografia*, p. 222.

2 A FÉ CRISTÃ NA TEOLOGIA DE JOSEPH RATZINGER

Neste capítulo destacaremos os principais traços que caracterizaram o percurso intelectual teológico de Joseph Ratzinger, que encontrou nas fontes da fé cristã os fundamentos para o pensar teológico. É importante destacar que a riqueza de sua obra para a Teologia, não se deve somente ao fato de ter sido Papa da Igreja Católica Apostólica Romana, ou pela sua atuação no Concílio Ecumênico Vaticano II, mas por ter uma vasta obra, de grande amplitude intelectual e contribuição para a Teologia, principalmente no século XX. Neste sentido abordaremos sobre a fé cristã buscando demonstrar não se trata de um sistema de ideias sem fundamento ou irracional, mas trata-se de ir ao encontro do *logos*, da verdade.

2.1 A FÉ É RACIONAL

Diante da crise da fé na modernidade, onde ela nos é apresentada como limitada e irracional, Ratzinger nos diz:

> [...] é necessário realçar também, justamente ao lado da obscuridade, a claridade de Deus. A partir do prólogo de João está no centro de nossa fé cristã em Deus o conceito do *Logos*, que significa razão, sentido, mas também palavra – um sentido portanto, que é palavra, que é relação, que é criador. O Deus que é *Logos* nos afiança a racionalidade do mundo, a racionalidade do nosso ser, a adequação da razão a Deus e a adequação de Deus à razão, mesmo que a sua razão ultrapasse infinitamente a nossa e nos pareça tantas vezes como escuridão. O mundo vem da razão, e essa razão é pessoa, é amor – é isso o que a fé bíblica nos diz a respeito de Deus. A razão pode e deve falar de Deus, do contrário ela se mutila a si mesma.[53]

Para Ratzinger, a fé nos mostra justamente o oposto daquilo que a modernidade nos apresenta, pois o ato de fé é alcançar com profundidade a razão divina, uma vez que a fé é um ato de crer naquele que é a razão criadora de tudo, o *Logos* que dá significação e sentido a todas as coisas e se manifesta como amor. A fé, segundo Ratzinger, não é uma entrega ao

[53] RATZINGER, J. *Introdução ao cristianismo*, p. 21.

irracional: “Pelo contrário, é um ir ao encontro do *logos*, da *ratio*, do sentido e, assim, da própria verdade, porque a razão sobre o qual o ser humano se firma no final das contas não pode nem deve ser outra que a própria verdade de que se franqueia”[54].

No prólogo de João, assim como no afirmamos no Credo, encontramos como primeira afirmação que tudo o que existe é pensamento feito realidade. Deus é a origem e o princípio fundante de todas as coisas e, desta forma, tudo o que existe é racional porque procede da razão criadora. “Desse modo, o ato de fé cristã, inclui essencialmente a convicção de que o fundamento que lhe dá sentido, *o logos*, sobre o qual nos firmamos, é justamente, como sentido, também a verdade”[55].

Ratzinger nos mostra que, o homem, sendo pensamento, é também *logos*. Deus é o intelecto por excelência, mas ele criou o homem pensando-o. Portanto: “O ser humano [...] pode refletir sobre o *logos*, o sentido do ser, porque o seu próprio logos, a sua própria razão, é *logos* do único *logos*, é pensamento do pensamento original, do espírito criador que perpassa o ser”[56].

Ratzinger afirma: “[...] a razão sozinha, como se exprime na ciência, não pode ser toda a resposta do homem à realidade e não é capaz de expressar tudo o que o homem pode, quer e deve exprimir”[57]. A fé impele o homem a uma abertura para o *logos*, e mostra que este não pode ser sustentado apenas pelo que é factível.

2.2 A FÉ COMO AQUILO QUE DÁ SENTIDO À EXISTÊNCIA HUMANA

É fundamental compreender o pensamento de Ratzinger sobre o ato de fé do ser humano. Trata-se de compreender: “[...] o que a afirmação ‘creio’ quer dizer e o que ela significa na boca de um cristão nos dias de hoje, nas condições da nossa existência atual e de nosso posicionamento presente diante da realidade como um todo?”[58]. Ou seja, antes de abordarmos acerca do cristianismo é necessário compreendemos o que é um ato de fé. Segundo Ratzinger:

---

[54] Ibid., p. 56.
[55] Ibid.,p. 57.
[56] Ibid., p. 56.
[57] RATZINGER, J. *O sal da Terra*, p. 40.
[58] RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 37.

> Ter fé significa decidir que no âmago da existência humana há um ponto que não pode ser alimentado e sustentado pelo que é visível e tangível, mas que toca a fímbria daquilo que não é visível, a ponto de este se tornar tangível para ele revelando-se como algo indispensável à existência.[59]

Ratzinger percebe que a fé não faz parte da relação entre o *factum* e o *faciendum.* Desta forma, vai expressá-la em uma relação entre os termos: *firmar-se* e *entender*:

> Confrontando o binômio firmar-se/entender com o de saber/fazer, faço alusão a uma expressão bíblica fundamental e intraduzível, sobre a fé, que se baseia num jogo de palavras que poderíamos tentar reproduzir assim: 'Sem firme confiança, não vos firmareis' (Is 7, 9)"[60]. O radical *'mn (amen)* abarca uma multiplicidade de significados que, por meio de seu encadeamento e de sua diferenciação, acabam engendrando a grandiosidade desta oração. Entre as acepções do radical poderíamos citar as de verdade, firmeza, fundamento sólido e chão, além de: fidelidade, firmar-se, confiar-se, fincar-se em algo, crer em algo; crer em Deus ganha, portanto, o sentido de firmar-se em Deus, ato esse que dá ao homem uma base sólida para a sua vida.[61]

Segundo Miranda: "[...] Ratzinger vê o sentido profundo da noção bíblica de fé como fundamento, chão onde alguém possa se apoiar, confiar, ter uma referência sólida para a vida. Crer em Deus é, portanto, firmar-se em Deus"[62]. Desta forma, compreendemos aqui no pensamento de Ratzinger, que a fé é colocar-se com firme confiança na Palavra de Deus. "[...] a fé visa um plano totalmente diferente daquele em que se situam o fazer e a factibilidade, pois ela é essencialmente confiança naquilo que não foi feito por nós e que jamais poderá ser feito e que, nessa condição, sustenta e possibilita tudo o que fazemos"[63]. Ou seja, Ratzinger nos mostra que a fé está num plano diferente daquilo que está no campo do *factum* e do *faciendum*. Está num outro âmbito, onde compreende que as decisões fundamentais que o homem precisa tomar só podem ser tomadas pela fé:

---

[59] Ibid., p. 39.
[60] Ibid., p. 52.
[61] Ibid., p. 52.
[62] MIRANDA, M. F. *A fé cristã em Joseph Ratzinger*, p. 20.
[63] RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 53.

> Parece-me imprescindível ver isso com toda clareza: todo ser humano precisa de alguma forma tomar posição diante desse âmbito das decisões fundamentais; e para o ser humano não existe outra maneira de fazê-lo que não seja a fé. Existe uma área que ninguém pode contornar totalmente. Todo ser humano precisa "crer" de alguma maneira.[64]

Enfim, o que é ter fé no pensamento de Ratzinger?

> Podemos dar, agora, a seguinte resposta: é o ato de o ser humano firmar-se na realidade como um todo, sem que esse ato seja redutível ao conhecimento, por ser incomensurável em relação ao conhecimento; é a atribuição de sentido que é anterior ao calcular e ao agir do ser humano e sem o qual ele nem teria condições de calcular ou de agir, porque ele só pode fazê-lo no lugar onde há um sentido que o sustente. Pois, com efeito, o ser humano não vive apenas do pão da factibilidade; como *ser humano* e na sua essência humana autêntica ele vive do amor, do sentido. O sentido é o pão que o ser humano vive na essência de seu ser. Sem a palavra, sem o sentido, sem o amor, ele chega à situação de não poder viver mais, mesmo que ele esteja cercado da abundância de todo o conforto da terra.[65]

A fé no pensamento ratzingeriano é um movimento de um todo da existência humana, que consiste num firmar-se sobre um sentido que não é produzido (*faciendum*), mas nos é dado. A fé crista "[...] é a adesão ao primado do invisível e do real verdadeiro que nos sustenta e que, por isso mesmo, nos capacita a enfrentar o visível com serenidade plácida, numa atitude de responsabilidade ante o invisível como verdadeiro fundamento de todas as coisas"[66]. A fé não deve ser reduzida como um produto da limitada razão humana: "Esta atitude implica que a razão é incapaz de atingir o sentido último da realidade, que este sentido não pode ser obtido por meio de arrazoados científicos, já que se situa numa outra ordem por ser algo que está *subjacente* possibilitando nossas reflexões e nossas atividades"[67]. Não se trata também de um conhecimento doutrinal. Mas, sobretudo, trata-se de uma confiança existencial, aquilo que dá sentido à existência humana.

---

[64] Ibid., p. 54.
[65] Ibid., p. 54-55.
[66] Ibid., p. 55.
[67] MIRANDA, M. F. *A fé cristã em Joseph Ratzinger*, p. 20.

2.3 A FÉ CRISTÃ COMO ESCUTA E DIÁLOGO A PARTIR DA REVELAÇÃO

Quando tratamos da fé como adesão ao primado do invisível, acima do *factum* e do *faciendum*, se pode concluir logo que a fé não provém do exercício de uma razão meramente instrumental, para obter o conhecimento a partir de um dado. "[...] a fé certamente não é um conhecimento no sentido do conhecimento factível e de sua forma de previsibilidade"[68]. A principal característica da fé vem do escutar como ato primeiro, assim como nos lembra o apóstolo Paulo: "A fé procede da audição" (Rm 10, 17). Isso significa que a fé não é produto do pensamento subjetivo, mas um mergulhar dentro daquilo que foi revelado. Ou seja, a fé procede daquilo que foi ouvido, da escuta. Entretanto:

> A forma de o ser humano entrar em contato com a verdade do ser não é a do *conhecimento* e sim a do entendimento: entender o sentido ao qual se confiou. Sem dúvida precisamos acrescentar ainda que esse entendimento só se realiza no firmar-se no *sentido* que se aceitou como fundamento e compreendê-lo. Penso que seja esse o significado exato de entender: que aprendamos a conceber o fundamento sobre o qual nos firmamos como sentido e como verdade, aprendendo a entender que o *fundamento* significa *sentido*.[69]

Percebemos que a essência da fé consiste, como vimos, primeiro na escuta e depois no entendimento no dado revelado. Ratzinger salienta que o entendimento é também um elemento essencial da fé. A revelação, portanto, precede a fé e o entendimento: "O entendimento só pode nascer da fé. É por isso que a teologia, como discurso entendedor à base do *logos* (= racional, sensato entendedor) sobre Deus, é umas das primeiras tarefas da fé cristã"[70]. Percebe-se que no pensamento de Ratzinger a fé e o entendimento, assim como fé e firmeza, estão intimamente ligados: o entender e o firmar-se em Deus: "Mesmo reconhecendo que a fé vem da palavra e da escuta, sendo que a filosofia vem do pensamento e da reflexão, Ratzinger sempre defenderá a necessária conexão vigente entre ambas"[71].

---

[68] RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 57.
[69] Ibid., p. 58.
[70] Ibid., p. 58.
[71] MIRANDA, M. F. *A fé cristã em Joseph Ratzinger*, p. 21.

Ratzinger ainda destaca que o entendimento deve ir além da nossa compreensão, introduzindo a questão do *mistério*:

> [...] se entendimento é compreensão de nosso abarcamento, então chegamos à conclusão de que não podemos abrangê-lo novamente, uma vez que ele nos dá sentido pelo fato de abranger a *nós*. Nesse sentido é com razão que falamos em mistério por tratar-se de um fundamento que que constantemente nos precede e excede e que jamais conseguiremos alcançar ou ultrapassar. Mas é justamente no abarcamento por aquilo que não compreendemos de novo que se realiza a responsabilidade do entendimento, sem a qual a fé seria indigna e teria que destruir a si mesma.[72]

Pela essência da fé, temos uma orientação entre o *tu* e *nós*, ou seja, um vínculo que liga o homem a Deus. Portanto, quando falamos da fé cristã, que em sua base está a revelação de Deus na história, temos que levar em conta que: "A fé cristã é mais do que uma opção por um fundamento espiritual do mundo, e é por isso que a sua fórmula central não diz 'Creio em algo', e sim 'Creio em ti'. Ela é o encontro com o homem Jesus, e nesse encontrar-se ela experimenta o sentido do mundo como pessoa"[73]. Ainda segundo Ratzinger: "[...] a fé se torna o encontro do tu que me sustenta e me dá a promessa de um amor indestrutível, apesar de toda a satisfação e insatisfazibilidade última do encontro humano; na fé não apenas aspiramos à eternidade, ela nos é realmente concedida"[74].

Podemos perceber "[...] a fé não é o resultado de uma reflexão solitária em que o eu, refletindo sobre a verdade sozinho e livre de qualquer compromisso, chega a uma conclusão qualquer para o seu próprio uso"[75]. Mas, "[...] a fé é o resultado de um diálogo, que pressupõe a disposição de ouvir, de receber e de responder, que remete o ser humano, pela relação do eu com o tu, ao nós daqueles que participam dessa mesma fé"[76]. Em outras palavras, na obra *O novo povo de Deus*[77]: "[...] a fé faz com que o homem reconheça a sua incapacidade para

---

[72] RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 58-59.
[73] Ibid., p. 59.
[74] Ibid., p. 59.
[75] Ibid., p. 67.
[76] Ibid., p. 67.
[77] Nesta obra, publicada originalmente em 1969, quatro anos após o encerramento do Vaticano II e como ressonância direta deste, tratando da Igreja e do Novo Povo de Deus. Quando a Igreja se recusa a trocar a sua doutrina imutável e atemporal pela subjetividade da orientação mundana, que se baseia sempre nas fugidias tendências culturais e pseudocientíficas do momento, é porque sabe que a sua defesa dos valores humanos e morais – valores inegociáveis – precisa continuar sendo um farol seguro para todo aquele que procura a verdade e a transcendência.

alcançar por si só a salvação e, portanto, faz com que ele perceba o caminho, ou seja, o meio de salvação que vem de Deus"[78].

Ratzinger ainda salienta que: "[...] a fé cristã nos dá a verdade como caminho, e só quando ela se torna caminho, vira verdade do homem. A verdade como simples conhecimento, como mera ideia não tem força, ela só vira verdade do homem como caminho que exige a sua atenção e que ele pode e deve trilhar"[79]. A fé trata de um movimento da existência humana como um todo, que a reestrutura mediante um entrelaçamento entre o *tu* e o *eu*. Esse é a dinâmica própria da fé. Segundo Ratzinger:

> A fé cristã não é uma ideia, ela é vida; ela não é um espírito que existe para si mesmo, ela é encarnação, é espírito no corpo da história e do nós que está implícita nela. Ela não é a mística da autoidentificação do espírito com Deus, e sim obediência e serviço: autossuperação e libertação do "eu" justamente porque este se vê colocado a serviço daquilo que não foi feito nem pensado por ele; libertação que consiste em ser posto a serviço do todo.[80]

2.4 A FÉ CRISTÃ NUMA PERSPECTIVA DE FUTURO

A fé no sentido cristão, como notamos até aqui no pensamento de Ratzinger, não se trata de um sistema lógico e racional do conhecimento, mas, trata-se uma atitude da existência humana e sua direção: confiança. Podemos agora nos questionar, dentro da essência própria da fé, sobre a que direção o ser humano toma diante da atitude de fé. Neste questionamento, Ratzinger nos apresenta uma figura peculiar da fé: Abraão. Não se trata apenas da primeira etapa da história da fé, mas nos dá um critério permanente:

> Ele abandona o presente por causa do futuro. Ele abandona o seguro, o visível, o calculável pelo incerto, confiando numa palavra. Ele encontrou a Deus e em suas mãos coloca o futuro; confiando em Deus, ousa buscar um novo futuro que, antes de mais nada, é tenebroso. A palavra que ele ouviu é mais real do que o calculável que ele pode tomar nas mãos. Confia naquilo que ainda não pode ver e assim se torna capaz de partir para o que é novo, capaz de deixar de lado sua segurança. A

[78] RATZINGER, J. *O novo povo de Deus*, p. 18.
[79] RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*, p. 73.
[80] Ibid., p. 73.

> importância da realidade e até mesmo o conceito da realidade se muda. O futuro adquire primazia sobre o presente; a palavra ouvida, sobre a paupável.[81]

A atitude de Abraão nos mostra exemplarmente os caminhos que a fé deve tomar: a primazia de Deus sobre o eu, sobre aquilo que é visível. Para o cristianismo a fé é um movimento do todo da existência humana rumo à eternidade: "[...] 'todo o homem' assim como estava neste mundo vivendo e sofrendo que um dia será incorporado na eternidade de Deus, tendo eternidade em Deus mesmo. [...] O Cristianismo anuncia a eternidade daquilo que se passou neste mundo".[82]

A fé no cristianismo, como nos aponta Ratzinger, tem uma relação intrínseca com o futuro, porque ela é uma promessa. Há uma superioridade do futuro com relação ao tempo presente, unindo à certeza de que é Deus quem concede ao homem o futuro: a eternidade. Desta forma devemos entender a fé, a exemplo de Abraão, como um caminho que vai daquilo que é visível para o contato com o eterno. A fé coloca o homem numa outra dimensão com relação ao futuro: um futuro que não é produto do *factum* e do *faciendum*, mas que parte da resposta generosa do homem ao projeto de Deus e sua promessa, que exige uma atitude de firme confiança de que a criatura e o Criador eterno estão relacionados. "O homem é constituído de tal modo que não pode viver sem futuro. [...] Sem futuro também o presente se torna insuportável para ele. [...] Nada é mais difícil ao homem suportar do que ausência de futuro"[83].

É nesta perspectiva com relação ao futuro que a fé ganha o seu sentido cristão: trata-se da confiança em Deus que ressuscitou Jesus dentre os mortos. Todos os elementos que destacamos aqui no pensamento de Ratzinger acerca da fé, tem o seu pleno sentido com a noção do futuro que nos é dado pela Ressurreição de Jesus Cristo. Desta forma, temos aquilo que é próprio do homem, ou seja, aquilo que orienta para a eternidade.

> O homem Jesus que ao mesmo tempo é Deus é para nós a garantia infinita de que o ser-homem e o ser-Deus podem existir e viver eternamente um no outro. Creio que quem compreendeu isso também já entende algum tanto o que quer dizer as palavras estranhas da "assunção corporal na glória celeste". Naturalmente não pode significar que alguns ossos e alguns corpúsculos sanguíneos estão conservados para sempre nalgum lugar. Diz algo muito mais decisivo e profundo, pois significa que

[81] RATZINGER, J. *Fé e Futuro*, p. 27.
[82] RATZINGER, J. *Dogma e Anúncio*, p. 354.
[83] RATZINGER, J. *Fé e Futuro*, p. 33.

> de um homem continua a existir não só uma parte que chamaríamos a sua alma – uma parte que é arrancada dele, enquanto tanta outra coisa perece; significa antes que Deus conhece e ama o homem todo, aquilo que somos agora.[84]

A fé em Deus que parte da Revelação, tendo sua plenitude na encarnação de Jesus Cristo, crendo que Deus o ressuscitou dos mortos significa confiar que a morte não é o destino último do ser humano. Portanto, o critério para se viver na realidade se torna a esperança na eternidade (escatologia). Isso implica direcionar nossa existência em direção ao futuro, contudo, Ratzinger destaca que isso não pode significar uma fuga ou uma desvalorização desta realidade temporal:

> A promessa de um futuro eterno pode ser para o homem não só redentora, mas igualmente aniquiladora e ameaçadora. Pois a ideia de que sua ação e sua omissão seriam medidas com o critério de eternidade, e decidem não só sobre o momento, mas para além do limite da morte, essa ideia para o homem que a leva a sério deve parecer quase cruel de modo que diante desse futuro ele foge e prefere suportar a ausência de futuro do que sujeitar-se a essa exigência.[85]

Ou seja, essa esperança deve impelir certa responsabilidade e justiça com essa realidade terrena. A abertura do futuro para o eterno torna o presente um elemento decisivo que adquire um significado fundamental. Para Ratzinger, a fé cristã deve estar envolvida com o mundo em sua totalidade:

> [...] o cristianismo não é uma religião do passado que nos quer prender para sempre a alguma coisa que um dia foi, mas uma religião da esperança do que está por vir. Uma religião que nos abre o caminho para o que vem, para a criação definitiva. Precisamente como cristãos somos chamados a construir este mundo, a trabalhar no seu futuro, para que um dia se torne o mundo de Deus que ultrapassará de longe tudo que nós mesmos jamais podemos construir.[86]

Desta forma, a fé deve possibilitar um constante colocar-se a caminho, para assim poder renovar o todo a partir de seu interior.

---

[84] RATZINGER, J. *Dogma e Anúncio*, p. 354.
[85] RATZINGER, J. *Fé e Futuro*, p. 38.
[86] RATZINGER, J. *Dogma e Anúncio*, p. 355.

2.5 A IGREJA COMO LUGAR DA COMUNIDADE DE FÉ

"[...] o lugar da fé é dentro da Igreja"[87]. Dentro da abordagem da fé cristã para o teólogo Joseph Ratzinger, temos que dar importância a um aspecto de suma importância, que é a Igreja como forma da fé, ou seja, a noção de fé eclesial. A Igreja é o lugar que possibilita a fé, enquanto elemento que dá sentido à existência humana em sua totalidade, anunciando o evangelho em todas as nações, fazendo discípulos e batizando-os.

O Símbolo da Fé (Credo), forma original da doutrina cristã, "[...] é uma fórmula que nasceu do diálogo original: 'Crês?' – 'Creio!'. Esse diálogo remete, por sua vez, para o 'cremos' em que o eu como elemento do 'eu creio' não é absorvido, mas encontra o seu lugar devido"[88]. O Credo trata de uma adesão e um redirecionamento do ser humano, para dar sentido à sua existência. "[...] cada um de nós só tem em mãos a fé como 'symbolon', ou seja, como fragmento imperfeito e quebrado que só pode encontrar a sua unidade e integridade quando se une aos outros: só no 'symballein', na integração com eles, pode realizar-se o 'symballein' da integração com Deus"[89]. Por isso também implica um processo de conversão. Entretanto, não se trata de um direcionamento somente para Deus, mas um voltar-se para o outro, para que em comunidade se dê a glorificação de Deus. Portanto:

> A fé exige união, ela clama pelo que crê comigo, ela é essencialmente relacionada com a Igreja. Por isso, a Igreja não é uma organização secundária de ideias que seria totalmente inadequada a elas, constituindo portanto, na melhor das hipóteses, um mal necessário; ela faz necessariamente parte de uma fé, cujo sentido é a integração na profissão e adoração comuns.[90]

---

[87] RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*, p. 23.
[88] Ibid., p. 66.
[89] Ibid., p. 72.
[90] Ibid., p. 72.

Sabemos, pela doutrina cristã, que Cristo quis fundar a Igreja. Desta forma, toda a obra de Cristo tem como fundamento reunir o *novo povo*. Em sua obra *Compreender a Igreja Hoje*[91], Ratzinger afirma:

> Por isto toda a sua obra consiste em reunir o novo povo. Aqui aparecem já dois elementos de grande importância para a compreensão futura da Igreja: o dinamismo de tornarem Um, da mútua aproximação através do encontro com Deus, é, para Jesus, específico do novo povo de Deus. E mais ainda: o mais íntimo ponto de reunião deste novo povo é Cristo: este povo só se tornará verdadeiramente povo enquanto for chamado por Cristo e responder à sua chamada, à sua Pessoa.[92]

Antes de sua paixão, durante a última ceia, Cristo dá o passo decisivo fundando o novo povo, mediante o sacrifício da nova e eterna aliança. A instituição da Eucaristia é, portanto:

> [...] a conclusão de uma aliança e como aliança é a fundação concreta de um novo povo, que se torna povo por sua relação de aliança com Deus. Poderíamos também dizer: mediante o acontecimento eucarístico, Jesus incorpora os discípulos em sua relação com Deus e com isto também em sua missão, que está dirigida para 'os muitos', para a humanidade de todos os lugares e de todas as épocas. Esses discípulos se tornam "povo" através da comunhão no corpo e no sangue de Jesus, que é também comunhão com Deus.[93]

Ou seja, como novo e eterno sacrifício, o novo povo de Deus deve ser um no Corpo de Cristo. Portanto, a relação entre Cristo e a Igreja não é algo meramente humano, mas fundado em Cristo, tendo a Eucaristia como origem e centro da Igreja. Nós nos unimos como Corpo de Cristo quando estamos unidos a Deus, e a Eucaristia nos vitaliza. Desta forma, pela Eucaristia, a Igreja é o Corpo de Cristo, mistério de fé: "Cristo instituiu uma Igreja, isto é, uma nova e visível comunidade de salvação. Ele a quer como um novo Israel e como um novo

[91] Esta obra traz um texto redigido pelo Cardeal Ratzinger para um curso de Teologia que aconteceu no Rio de Janeiro em 1990. Além disso apresenta a conferência que o Cardeal Ratzinger pronunciou em outubro do mesmo ano. A obra mostra muitas das principais ideias do teólogo sobre o ministério episcopal e papal, bem como sobre a estrutura da Igreja Católica.
[92] RATZINGER, J. *Compreender a Igreja Hoje*, p. 14.
[93] Ibid., p. 16.

povo de Deus, que considera a celebração da ceia como o seu ponto mais alto. O novo povo de Deus é definitivamente um povo, em virtude do corpo de Cristo"[94].

Ratzinger destaca ainda que a Igreja não é só uma comunidade que nos reúne, mas também a que nos sustenta na fé:

> Ora, a Igreja de Jesus não é *minha*, mas sempre *a sua* Igreja. A essência da conversão consiste em que eu já não procure meu partido, com meus interesses e meus gostos, mas me entregue às mãos do Cristo e me torne seu, me torne membro de seu corpo, que é a Igreja. [...] o princípio sob o qual se funda a Igreja é a obediência ao chamado do Senhor, como hoje lemos no Evangelho: "Chamou-os e eles, deixando imediatamente o barco e o pai, seguiram Jesus" (Mt 4,21s).[95]

Cristo instituiu Igreja como uma comunidade de salvação e deve estar a Seu serviço, a serviço da fé, numa atitude de confiança e movida pela vontade, nos leva a dizer sim à Palavra de Deus que se revela por meio da Igreja, da qual aprendemos a fé como adesão à verdade. A Igreja, como Corpo de Cristo, "[...] é ao mesmo tempo mistério de fé e sinal de fé, vida misteriosa e manifestação visível desta via"[96]. Para Ratzinger, *fé* e *Igreja* são realidades interligadas.

A Igreja serve a Cristo enquanto lugar da fé, desta forma, não tem um fim em si mesma, embora carregue também sua fraqueza. "Se procuramos ser realistas, devemos reconhecer ambas as coisas: na Igreja existem as sombras constantes de grande deficiência humana, mas nela também se encontra a esperança que é necessária ao homem para poder viver"[97]. É importante destacar que a Igreja está a serviço da fé, portanto não podemos confundir suas estruturas humanas, que necessitam de constante conversão, com a fé: "Não precisamos de uma Igreja mais humana; precisamos de uma Igreja mais divina, que será então realmente humana. É por isso que tudo o que é feito pelo homem dentro da Igreja deve ser visto em seu caráter de puro serviço, subordinado ao essencial"[98]. Ratzinger ainda salienta que:

---

[94] RATZINGER, J. *O Novo Povo de Deus*, p. 79-80.
[95] RATZINGER, J. *Compreender a Igreja Hoje*, p. 90.
[96] RATZINGER, J. *O Novo Povo de Deus*, p. 76.
[97] RATZINGER, J. *Dogma e Anúncio*, p. 221.
[98] RATZINGER, J. *Compreender a Igreja Hoje*, p. 81.

> A libertação fundamental que a Igreja nos pode oferecer consiste em nos manter dentro do horizonte do eterno e em fazer-nos sair dos limites de nosso saber e de nosso poder. Por isso, a própria fé, em toda a sua grandeza e amplitude, é sempre a reforma essencial de que precisamos. É sempre a partir dela que devemos reexaminar as estruturas humanas que se constituíram dentro Igreja. Isso significa que a Igreja deve ser a ponte da fé e não pode, principalmente na vida de suas associações dentro do mundo, colocar-se como um fim em si mesma.[99]

A fé subsiste na Igreja porque é essencialmente vivida pela comunhão do novo povo de Deus e nutrida pela Eucaristia, memorial da nova e eterna aliança em Cristo. Concluindo:

> [...] Ratzinger apresenta três modalidades da *experiência de fé*. Primeira experiência através da criação e da história cada vez que o ser humano ultrapassa a leitura superficial da realidade e dos acontecimentos. Em seguida, a experiência no interior da comunidade de fé mediatizada pelos membros da Igreja os quais vivem esta experiência em suas vidas e nos atraem para ela por seu testemunho. Finalmente, a experiência mais pessoal e gradativa, tal como a descremos anteriormente. Todas essas modalidades exigem que o ser humano reconheça sua realidade profunda para poder reconhecer Deus.[100]

Portanto, ao estar à serviço da fé, a Igreja está a serviço de toda a humanidade, que no atual contexto, precisa cada vez mais de redescobrir o sentido mais profundo de sua existência através da fé na Palavra revelada, àquela que é o fundamento de todas as coisas desde o princípio.

---

[99] Ibid., p. 81.
[100] MIRANDA, M. F. *A fé cristã em Joseph Ratzinger*, p. 24.

CONCLUSÃO

Podemos perceber neste percurso metodológico, no pensamento do teólogo alemão Joseph Ratzinger (Bento XVI) que a estrutura fundamental que sustenta a percepção do mundo na modernidade, em seu sentido negativo, é o *factum* e o *faciendum*, e o modo de sua certeza se reduz àquilo que é demonstrável. Em nossa cultura, onde predomina a ditadura do relativismo, permeado pelo individualismo que o mundo técnico traz consigo, parece não haver necessidade de Deus. Contudo, onde Deus é negado, temos a desvalorização da dignidade do homem. É desta forma que Ratzinger nos mostra em seu pensamento que o nosso Deus é um Deus que se encarnou em nossa humanidade: Ele veio ao encontro da humanidade e possibilita esta de ir ao seu encontro.

A fé, no entanto, tem um plano diferente deste mundo moderno que tem como primado o *factum* e o *faciendum*. A fé, no pensamento de Ratzinger é o ato de *firmar-se* e *entender*, uma adesão racional ao *logos*. Para o autor trata conhecimento de Deus não apenas intelectual, mas que dá sentido à existência humana, pois permite um conhecimento de Deus que abrange a totalidade do homem, o que implica numa abertura à transcendência e possibilita o homem a conhecer toda a realidade, para além das perspectivas limitadas do racionalismo moderno. Trata-se de um *firmar-se* sobre um sentido que não foi produzido pela humanidade, mas nos foi dado.

É fundamental compreender isso, afinal, a existência humana não se reduz ao domínio do *factum* e do *faciendum*. A fé cristã é uma adesão racional ao *logos*, ao primado daquilo que é invisível aos nossos sentidos, àquilo que é sobrenatural, daquilo que é real e que nos sustenta e nos capacita a enfrentar a realidade numa atitude de responsabilidade. Reconhecer, portanto, o verdadeiro fundamento de tudo o que existe. Por isso, para Ratzinger, a fé não é puramente o produto de uma reflexão humana, mas um ato de confiança racional naquilo que nos é dado pela revelação. É por isso que recebemos a fé pela escuta da Palavra, como nos adverte Paulo.

Ratzinger, diante deste contexto da modernidade que apresentamos, nos proporciona uma reflexão fundamental para o cristão de hoje que parte da revisitação do próprio conceito da fé. A fé não é uma simples adesão a um conjunto de dogmas, como a modernidade os

apresenta como irracionais ou pré-científicos. A fé está no âmbito da verdade. É a opção para a prioridade da razão, do *logos*. O autor demonstra que o homem, não podendo ser sustentado somente por aquilo que lhe é visível aos sentidos, a fé o impele a uma abertura decisiva para o *logos*, para o encontro com Cristo, com a própria verdade. O cristianismo não é a religião do sentimento, mas da razão e da verdade. A fé é um encontro com o Cristo, com sua Palavra viva que dá sentido ao existir humano.

A fé é a resposta do homem à revelação, onde Deus se faz conhecer e manifesta o seu amor. A verdade permite que o amor seja real, portanto, um ato racional. É deste modo que a questão da verdade é fundamental para a fé cristã. Cristo mostrou ser a verdade, portanto ela é universal, não havendo nenhum espaço para o relativismo das várias correntes de pensamento moderna. É através da fé que o homem entra numa relação íntima com a pessoa de Cristo, constituindo uma relação entre o eu e o Tu de Cristo, entrando em uma unidade mais profunda com Aquele que é o fundamento de todas as coisas, da nossa existência. Essa unidade com o Divino, deve nos impelir a unidade com a comunidade de fé, com a Igreja, querida e fundada por Cristo. O ato de fé não é um ato isolado, mas um ato da comunidade de fé, pois é a Igreja que, pelo mandato de Cristo, nos transmite a fé, portanto, a fé é algo que me precede. A fé é um ato que deve nos mover a sermos a Igreja, corpo místico de Cristo. Portanto, segundo Ratzinger, é fundamental sermos reintroduzidos no cristianismo, a redescobrir o verdadeiro sentido da fé cristã, para assim, dar novas forças e novos impulsos ao anúncio do verdade no mundo moderno.

BIBLIOGRAFIA

Básica

RATZINGER, Joseph. *Dogma e Anúncio*. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. *Fé e futuro*. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *Fé, verdade, tolerância*. O Cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio", 2007.

_____. *Homilia do Cardeal Joseph Ratzinger Decano do Colégio Cardinalício*: Santa Missa *Pro Eligendo Romano Pontifice*. 2005. Disponível em: <http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html>.

_____. *Introdução ao Cristianismo*. Preleções sobre o Símbolo Apostólico. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. *O Sal da Terra*. O Cristianismo e a Igreja Católica no século XXI: um diálogo com Peter Seewald. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

Complementar

ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. *Bento XVI, A Igreja Católica e o Espírito da Modernidade*. Uma análise da visão do Papa teólogo sobre "o mundo de hoje". 1 ed. São Paulo: Paulus, 2018.

RATZINGER, Joseph. *Compreender a Igreja hoje*. Vocação para a comunhão. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____; HABERMAS, Jurgen. *Dialética da secularização*. Sobre razão e religião. 3 ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.

_____. *O Novo Povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1974.

_____. *Ser cristão na era neopagã*. v. 1. São Paulo: Eclesiae, 2014.

_____. *Ser cristão na era neopagã*. v. 2. São Paulo: Eclesiae, 2014.

_____. *Ser cristão na era neopagã*. v. 3. São Paulo: Eclesiae, 2014.

HOHEMBERGER; Gilcemar; ASSUNÇÃO, Rudy Albino de (orgs.). *O Primado do Amor e da Verdade*. O patrimônio espiritual de Joseph Ratzinger – Bento XVI. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017.

RATZINGER, Georg. *Meu irmão, o Papa*. Da infância ao pontificado: um tocante relato sobre a vida de Bento XVI. Depoimento a Michael Hesemann. São Paulo: Editora Europa, 2012.

ROWLAND, Tracey. *A Fé de Ratzinger*. A Teologia do Papa Bento XVI. São Paulo: Eclesiae, 2007.

SARTO, Pablo Blanco. *Bento XVI*. Um mapa de suas ideias. São Paulo: Molokai, 2007.

_____. *Joseph Ratzinger*. Uma biografia. São Paulo: Quadrante, 2005.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br